

Santo Agostinho

Confissões

15.^a Edição



EDITORIAL AO

Tradução (coordenação e revisão)

Lúcio Craveiro da Silva, sj
Elias Couto

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal

533282/24

ISBN

978-972-39-0988-3

15.^a Edição

Junho de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

LIVRO UM

A INFÂNCIA

- I – Apelo ao ser (1-5)
- II – Infância e puerícia (6-8)
- III – A educação (9-20)

1. *Invocação ou louvor?*

«Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado»¹. «É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria»². O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos – o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repouisa em Vós³.

¹ *Slm* 96, 4.

² *Slm* 147, 5.

³ Esta frase é a síntese de todo o livro. A nostalgia de Deus habita no coração do homem. É um espinho cravado na sua carne...

Concedei, Senhor, que eu perfeitamente saiba se primeiro Vos deva invocar ou encomiar, se primeiro Vos deva conhecer ou invocar⁴.

Mas quem é que Vos invoca se antes Vos não conhece? Esse, na sua ignorância, corre perigo de invocar a outrem. Ou, porventura, não sois antes invocado para depois serdes conhecido? «Mas como invocarão Aquele em quem não acreditaram? Ou como hão de acreditar, sem que alguém lhes pregue?»⁵ «Louvarão ao Senhor aqueles que O buscarem»⁶. Na verdade, os que O buscam, encontrá-Lo-ão, e aqueles que O encontram, hão de louvá-Lo.

Que eu Vos procure, Senhor, invocando-Vos; e que Vos invoque, crendo em Vós, pois nos fostes pregado. Senhor, invoca-Vos a fé que me destes, a fé que me inspirastes por intermédio da humanidade de vosso Filho e pelo ministério do vosso pregador⁷.

⁴ Os cinco primeiros capítulos desenvolvem-se em oração laudatória a Deus. Eis o seu aspeto geral sistematizado: o homem, «fragmentozinho da criação», anseia louvar a Deus, centro e repouso da alma inquieta. Como procurá-Lo e conhecê-Lo? Invocando-O com fé e louvor.

Deus é imenso e está nos seres por presença (nada Lhe é oculto), por substância (existe em todas as coisas), por potência (opera em todos os seres). Quais as suas perfeições? O que é a alma de Agostinho perante o único Bem?

⁵ *Rm* 10, 14.

⁶ *Slm* 22, 27.

⁷ Referência a Santo Ambrósio que contribuiu para a conversão de Agostinho.

2. *Deus está no Homem; o Homem em Deus*

E como invocarei o meu Deus – meu Deus e meu Senhor – se, ao invocá-Lo, O invoco sem dúvida dentro de mim? E que lugar há em mim, para onde venha o meu Deus, para onde possa descer o Deus que fez o céu e a terra? Pois será possível – Senhor meu Deus – que se oculte em mim alguma coisa que Vos possa conter? É verdade que o céu e a terra, que criastes e no meio dos quais me criastes, Vos encerram?

Será, talvez, pelo facto de nada do que existe poder existir sem Vós que todas as coisas Vos contêm? E assim, se existo, que motivo pode haver para Vos pedir que venhais a mim, já que não existiria se em mim não habitásseis? Não estou no inferno e, contudo, também Vós lá estais, pois «se descer ao inferno, aí estais presente»⁸.

Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, «de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem»? Assim é, Senhor, assim é. Para onde Vos hei de chamar, se existo em Vós⁹? Ou donde podereis vir até mim? Para que lugar, fora do céu e da terra, me retirarei, a fim de que venha depois a mim o meu Deus que disse: «Encho o céu e a terra»?

⁸ *Slm* 139, 8.

⁹ As *Confissões* de Santo Agostinho constituem uma via dialéctica para atingir, pelo dramatismo da existência humana, a de Deus. Quando o homem O invoca, já O possui em si.

3. *Deus está em toda a parte*

Encerram-Vos, portanto, o céu e a terra, porque os encheis? Ou, enchendo-os, resta ainda alguma parte de Vós, já que eles Vos não contêm? E, ocupado o céu e a terra, para onde estendereis o que resta de Vós? Ou não tendes necessidade de ser contido em alguma coisa, Vós que abrangeis tudo, visto que as coisas que encheis, as ocupais, contendo-as? Não são, pois, os vasos¹⁰ cheios de Vós que Vos tornam estável, porque, ainda que se quebrem, não Vos derramais. E quando Vos derramais sobre nós, não jazeis por terra, mas levantais-nos, nem Vos dispersais, mas recolheis-nos.

Vós, porém, que tudo encheis, não ocupais todas as coisas com toda a vossa grandeza? E já que não podem conter-Vos todas as criaturas, encerram elas parte de Vós e contêm simultaneamente a mesma parte? Ou cada parte contém a sua, as maiores, as partes maiores, as menores, as partes menores? Há então uma parte maior e outra menor de Vós – ou estais inteiro em toda a parte e nenhuma coisa Vos contém totalmente?

¹⁰ Santo Agostinho, nesta passagem, compara os seres a vasos que a presença de Deus enche até transbordarem.

4. *Cantando as perfeições de Deus*¹¹

Que sois, portanto, meu Deus? Que sois Vós, pergunto, senão o Senhor Deus? «E que outro Senhor há além do Senhor, ou que outro Deus além do nosso Deus?»¹² Ó Deus tão alto, tão excelente, poderoso, tão onnipotente, tão misericordioso e tão justo, tão oculto e tão presente, tão formoso e tão forte, estável e incompreensível, imutável e tudo mudando, nunca novo e nunca antigo, inovando tudo e cavando a ruína dos soberbos, sem que eles o advirtam; sempre em ação e sempre em repouso; granjeando sem precisão, conduzindo, enchendo e protegendo, criando, nutrindo e aperfeiçoando, buscando, ainda que nada Vos falte.

Amais, sem paixão; ardeis em zelos, sem desassossego; arrependeis-Vos, sem ato doloroso; irais-Vos e estais calmo; mudais as obras, mas não mudais de resolução; recebeis o que encontrais, sem nunca o ter perdido.

Nunca estais pobre e alegrais-Vos com os lucros; jamais avaro e exigis com usura. Damo-Vos mais do que pedis, para que sejais nosso devedor; mas quem é que possui coisa alguma que não seja vossa? Pagais as dívidas, a ninguém devendo, e perdoais as dívidas, sem nada perder. Que di-

¹¹ Este capítulo é uma síntese perfeita da Teodiceia agostiniana. Repare-se no jogo de antíteses e de paradoxos: «tão oculto e tão presente», etc. Agostinho não pretende dar-nos a definição de Deus.

¹² *Slm* 18, 32.

zemos nós, meu Deus, minha vida, minha santa delícia, ou que diz alguém quando fala de Vós?... Mas ai dos que se calam acerca de Vós, porque, embora falem muito, serão mudos!

5. *Lágrimas do pródigo*

Quem me dera repouso em Vós! Quem me dera que viésseis ao meu coração e o inebriásseis com a vossa presença, para me esquecer de meus males e me abraçar convosco, meu único bem!

Que sois para mim? Compadecei-Vos, para que possa falar! Que sou eu aos vossos olhos, para que me ordeneis que Vos ame, irando-Vos comigo e ameaçando-me com tremendos castigos, se o não fizer? É acaso pequeno castigo não Vos amar¹³? Ai de mim! Pelas vossas misericórdias, disse, Senhor meu, o que sois para comigo? Dizeis à minha alma: «Sou a tua salvação»¹⁴. Falai assim para que eu oiça. Estão atentos, Senhor, os ouvidos do meu coração. Abri-os e dissei à minha alma: «Sou a tua salvação». Correrei após esta palavra e alcançar-Vos-ei. Não me escondais o rosto. Que eu morra para o contemplar, a fim de não morrer eternamente!

A minha alma é estreita habitação para Vos receber; dilatai-a, Senhor. Ameaça ruína, restaurai-a.

¹³ O pecado, na sua desordem, na sua amargura e na violência aos seres, é já um castigo. Contém uma sanção íntima, imanente.

¹⁴ *Slm* 3, 3.

Tem manchas que ferem o vosso olhar. Eu o reconheço e o confesso. Quem há de purificá-la? A quem hei de clamar, senão a Vós! «Purificai-me, Senhor, dos pecados ocultos e perdoai ao vosso servo os alheios»¹⁵! Creio e por isso falo¹⁶. Vós o sabeis, Senhor. Não confessei, contra mim, os meus crimes e não «me perdoastes, meu Deus, a impiedade do meu coração»¹⁷? «Não entro em razões convosco», que sois a mesma Verdade. Não me quero iludir, «para que a minha iniquidade não se minta a si mesma»¹⁸. Não quero entrar em razões convosco, porque, «se atendeis à iniquidade, Senhor, Senhor, quem permanecerá?»¹⁹.

6. *No alvorecer da vida*

Permiti, porém, que «eu, pó e cinza»²⁰, fale à vossa misericórdia. Sim, deixai-me falar, já que à vossa misericórdia me dirijo e não ao homem que de mim pode escarnecer. Talvez Vos riais de mim, mas aplacado, compadecer-Vos-eis.

Que pretendo dizer, Senhor meu Deus, senão que ignoro donde parti para aqui, para esta que não sei como chamar, se vida mortal ou morte

¹⁵ *Slm* 19, 13.

¹⁶ «Quem não crê em Deus, não crê no Ser; odeia a própria existência» (Paul Claudel). Agostinho crê; por isso ama a própria existência e fala.

¹⁷ *Slm* 32, 5.

¹⁸ *Slm* 27, 12.

¹⁹ *Slm* 130, 3.

²⁰ *Gn* 18, 27.

vital²¹. Receberam-me na vida as consolações da vossa misericórdia, como ouvi contar aos pais da minha carne, de quem e em quem me formastes no tempo, que eu de nada disto me lembro²².

Saboreei também as doçuras do leite humano. Não era minha mãe nem as minhas amas que se enchiam a si mesmas os peitos de leite. Éreis Vós, Senhor, que, por elas, me dáveis o alimento da infância, segundo os vossos desígnios e segundo as riquezas que depositastes até no mais íntimo das coisas.

Também fazíeis com que eu não desejasse mais além do que me dáveis; permitíeis às amas que me quisessem dar o que lhe concedíeis: movidas por afeição ordenada, desejavam dar-me aquilo em que, graças a Vós, abundavam. O meu bem, recebido delas, constituía para elas igualmente um bem, não que delas proviesse, porque eram apenas o instrumento e não a origem – de Vós, Senhor, me acorrem todos os bens e toda a salvação.

Isto conheci algum tempo mais tarde, falan-

²¹ «A vida humana, enquanto se prolonga e parece prolongar-se, é antes um decrescimento do que um crescimento» (Santo Agostinho, *Sermão XXXVIII*).

²² Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, hoje chamada Souk-Ahrás, na atual Argélia. Era filho de Patrício, africano romanizado, proprietário de 12 hectares de terras, e de Mónica, que teria na altura em que Agostinho nasceu uns 22 anos. Patrício e Mónica foram também os pais de Navígio e duma menina cujo nome se ignora, anos mais tarde freira e superiora dum convento.

do-me Vós por meio destes mesmos dons que interior e exteriormente concedeis. Então, nada mais fazia senão sugar os peitos, saborear o prazer e chorar as dores da minha carne. Em seguida, comecei também a rir, primeiro, enquanto dormia, depois, acordado. Destas minhas ações me informaram e acreditei, porque assim o vemos fazer às outras crianças, pois nada me lembra do meu passado decorrido nesse tempo.

A pouco e pouco, ia reconhecendo onde me encontrava. Queria exprimir os meus desejos às pessoas que os deviam satisfazer e não podia, porque os desejos estavam dentro e elas fora, sem poderem penetrar-me na alma com nenhum dos sentidos. Estendia os braços, soltava vagidos, fazia sinais semelhantes aos meus desejos, os poucos que me era possível esboçar e que eu exprimia como podia. Mas eram inexpressivos. Como ninguém me obedecia, ou porque não entendiam ou porque receavam fazer-me mal, indignava-me com essas pessoas grandes e insubmissas, que, sendo livres, recusavam servir-me. Vingava-me delas, chorando. Reconheci que assim eram as crianças, como depois pude observar. Elas me informaram melhor inconscientemente daquilo que eu tinha sido então, do que as amas com a sua experiência.

A minha infância morreu há muito; mas eu vivo ainda²³. Vós, porém, Senhor, que viveis sem-

²³ Teixeira de Pascoaes fixou-se nesta frase em que encontrou um *espanto doloroso*: «Et ego vivo». Aqui a conjugação *et*

pre e em quem nada falece – porque sois anterior à manhã dos séculos e a tudo o que se possa dizer anterior – sois Deus e Senhor de tudo quanto criastes. Em Vós estão as causas de todas as coisas instáveis, permanecem as origens imutáveis de todas as coisas mudáveis e vivem as razões eternas das coisas transitórias²⁴. Dizei-me, eu Vo-lo suplico, ó Deus, misericordioso para comigo que sou miserável, dizei se a minha infância sucedeu a outra idade já morta ou se tal idade foi a que levei no seio da minha mãe? Pois alguma coisa me revelaram dessa vida e eu mesmo vi mulheres grávidas.

E antes deste tempo que era eu, minha doçura, meu Deus? Existi, porventura, em qualquer parte ou era acaso alguém²⁵?

Não tenho quem me responda, nem meu pai, nem minha mãe, nem a experiência dos outros, nem a minha memória. Sorris, talvez, de que tais perguntas Vos faça, a Vós que me ordenais que Vos louve e confesse naquilo que me é conhecido.

tem o valor de adversativa. Nas edições anteriores foi suprimida para realçar mais a frase. Agostinho tinha nesta altura, quando isto escreveu, 43 ou 46 anos, conforme a data que se adotar para início da composição das *Confissões*.

²⁴ Alusão ao exemplarismo. As ideias dos seres subsistem imutáveis em Deus, mas os seus termos ou os objetos estão sujeitos ao tempo.

²⁵ Alusão ao problema da origem das almas: foram criadas todas ao mesmo tempo ou Deus cria cada uma isoladamente? Santo Agostinho não aderiu a esta última hipótese, a mais provável, pois hesitou sempre até ao fim da vida.

Confessar-Vos-ei, Senhor do Céu e da terra, louvando-Vos pelos alvares da vida e pela infância de que me não lembro. Concedestes ao homem a graça de conjecturar de si pelo que vê nos outros e de acreditar muitas coisas a seu respeito, confiado na autoridade de simples mulheres. Já então verdadeiramente existia e vivia. No fim da infância, já buscava sinais com que exprimir aos outros as minhas vontades.

Donde podia vir semelhante criatura, senão de Vós, Senhor? Alguém pode ser artífice de si mesmo? Ou pode derivar-se doutra parte algum manancial por onde corram até nós o ser e a vida, diferentes dos que nos dais, Senhor – Vós em quem o ser e a vida se equivalem, porque sois o Ser supremo e a suprema Vida?

Sois o mais excelso e não Vos mudais. O dia presente não passa por Vós e, contudo, em Vós se realiza, porque todas estas coisas em Vós residem, nem teriam caminhos para passarem se com o vosso poder as não contivésseis. «Porque os vossos anos não morrem»²⁶, são um eterno dia sempre presente. Quantos dias não passaram já, para nós e para nossos antepassados, pelo dia eterno de que gozais e dele receberam a existência e a duração! E hão de passar ainda outros que dele receberão igualmente o seu modo e o ser! Vós, porém, sois sempre o mesmo e todas as coisas de amanhã e do

²⁶ *Slm* 102, 28.

futuro, de ontem e do passado, hoje as fareis, hoje as fizestes²⁷.

Que posso eu fazer, se alguém não compreende? Que esse exulte, dizendo: «Que maravilha é esta?»²⁸. Exulte muito embora e prefira encontrar-Vos, não Vos compreendendo, do que, compreendendo, não Vos encontrar.

7. *Prognósticos de vícios*

Ouvi-me, ó meu Deus! Ai dos pecados dos homens! É um homem que assim fala. Vós, Senhor, compadecei-Vos dele porque sois o seu Criador e não o autor do seu pecado. Quem me poderá recordar o pecado da infância, já que ninguém há que diante de Vós esteja limpo, nem mesmo o recém-nascido, cuja vida sobre a terra é apenas um dia? Quem mo trará à memória? Será porventura algum menino, ainda pequerrucho, no qual posso ver a imagem do que fui e de que me não resta lembrança?

Em que podia pecar, neste tempo? Em desejar ardentemente, chorando, os peitos de minha mãe? Se agora suspirasse com a mesma avidez, não pelos seios maternos, mas pelo alimento que é próprio da minha idade, seria escarnecido e justamente censurado.

Sem dúvida, então o meu procedimento era

²⁷ A imutabilidade divina é um dos assuntos mais prediletos de Santo Agostinho.

²⁸ *Ex* 16, 15; *Ecl* 39, 16.

repreensível. Mas como não podia perceber a reprimenda, o uso e a razão não permitiam que eu fosse repreendido. Com o crescer dos anos, porém, desarraigamos e lançamos fora esta sofreguidão do apetite. Sinal evidente de que é viciosa, pois nunca vi ninguém que, para cortar o mal, rejeitasse conscientemente o bem!

Ou seria justo, mesmo para aquela idade, exigir com choros o que talvez prejudicialmente seria concedido, encolerizar-me com violência, não contra pessoas a mim sujeitas, mas contra pessoas livres e respeitáveis pela idade? Estaria bem zangar-me até contra os pais, contra muitas outras pessoas mais sensatas, só por se não curvarem a um aceno do meu capricho, batendo-lhes e esforçando-me, quanto possível, por lhes fazer mal, porque não se sujeitavam às minhas exigências, com as quais seria pernicioso condescender?

Assim, a debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças²⁹. Vi e observei uma, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozito colação. Quem não é testemunha do que eu afirmo? Diz-se até que as mães e as amas procuram esconjurar este defeito, não sei com que práticas supersticiosas. Mas, enfim, será inocente a criança quando não tolera junto de si, na mesma fonte fecunda do leite, o companheiro destituído

²⁹ O pecado original corrompeu a natureza humana, mas não inteiramente.

de auxílio e só com este alimento para sustentar a vida? Indulgentemente se permitem estas más inclinações, não porque sejam ninharias sem importância, mas porque hão de desaparecer com o andar dos anos. É este o único motivo, pois essas paixões não se podem de boamente sofrer, quando se encontram numa pessoa mais idosa.

E Vós, Senhor e Deus meu, que destes à criança a vida e o corpo, assim como o vemos, provido dos sentidos, formado pelos membros e adornado pelos traços da sua configuração, Vós que lhe inspirastes o instinto natural de defesa para assegurar a sua integridade e conservação, ordenais-me que em todas estas obras louve, confesse e exalte o vosso nome, ó Altíssimo! Sois Deus onnipotente e bom, ainda que só tivésseis criado estas coisas. Nenhum outro as pode fazer senão Vós, ó Unidade, origem de toda a variedade, ó Formosura infinita que tudo formais e ordenais pela vossa lei.

Por isso, Senhor, envergonho-me de contar na minha vida terrena esta idade que não me lembro de ter vivido, somente acredito nela pelo testemunho alheio e pelas conjeturas que formei ao observar as outras crianças, conjeturas estas, aliás, muito fidedignas. Tudo quanto se oculta nas trevas do meu esquecimento é para mim igual ao tempo que vivi no seio materno. E se «fui concebido em iniquidade» e se «em pecado me alimen-

tou, no ventre, minha mãe»³⁰, pergunto, Senhor e Deus meu, onde e quando esteve inocente este vosso servo?

Passo em silêncio esta quadra da vida. Que tenho eu que ver com ela, se nem reminiscências conservo?

8. Como aprendi a falar

Seguindo o curso da minha vida, não é verdade que da infância passei à puerícia? Ou antes, não foi esta que veio até mim e sucedeu à infância? A infância não se afastou. Para onde fugiu, então? Entretanto, ela já não existia, pois eu já não era um bebê que não falava, mas um menino que principiava a balbuciar algumas palavras³¹.

Dessa época já eu me lembro, e mais tarde adverti como aprendera a falar³². Não eram pessoas mais velhas que me ensinavam as palavras, com método, como pouco depois o fizeram para as letras. Graças à inteligência que Vós, Senhor, me destes, eu mesmo aprendi, quando procurava exprimir os sentimentos do meu coração por gemidos, gritos e movimentos diversos dos membros, para que obedecessem à minha vontade. Não po-

³⁰ *Slm* 51, 7.

³¹ Este menino, a quem foi diferido o batismo, segundo os costumes africanos da época, recebeu o nome de Aurélio Agostinho.

³² A língua corrente falada em Tagaste era o cartaginês ou púnico. Agostinho aprenderia simultaneamente as duas línguas: aquela e o latim.

dia, porém, exteriorizar tudo o que desejava nem ser compreendido daqueles a quem me dirigia.

Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa e quando, segundo essa palavra, moviam o corpo para ela. Via e notava que davam ao objeto, quando o queriam designar, um nome que eles pronunciavam. Esse querer era-me revelado pelos movimentos do corpo, que são como que a linguagem natural a todos os povos e consiste na expressão da fisionomia, no movimento dos olhos, nos gestos, no tom da voz que indica a afeição da alma quando pede ou possui e quando rejeita ou evita. Por este processo retinha pouco a pouco as palavras convenientemente dispostas em várias frases e frequentemente ouvidas como sinais de objetos. Domando a boca segundo aqueles sinais, exprimia por eles as minhas vontades.

Assim principiei a comunicar com as pessoas que me rodeavam e entrei mais profundamente na sociedade tempestuosa dos homens, sob a autoridade de meus pais e a obediência aos mais velhos.

9. *Na paixão do jogo*

Ó Deus, meu Deus, que misérias e enganos não experimentei quando, simples criança, me propunham vida reta e obediência aos mestres, a fim de mais tarde brilhar no mundo e me ilustrar nas artes da língua, servil instrumento da ambição e da cobiça dos homens.

Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia, batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade. Muitos dos nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas, por onde éramos obrigados a caminhar, multiplicando os trabalhos e as dores aos filhos de Adão. Encontrei, porém, Senhor, homens que Vos imploravam e deles aprendi, na medida em que me foi possível, que éreis alguma coisa de grande e que podíeis, apesar de invisível aos sentidos, ouvir-nos e socorrer-nos.

Ainda menino, comecei a rezar-Vos como a «meu auxílio e refúgio»³³, desembaraçando-me das peias da língua para Vos invocar. Embora criança, mas com ardente fervor, pedia-Vos que na escola não fosse açoitado. Quando me não atendíeis – o que era para meu proveito – as pessoas mais velhas e até os meus próprios pais que, afinal, me não desejavam mal, riam-se dos açoites – o meu maior e mais penoso suplício.

Haverá, Senhor, alma tão generosa e tão unida a Vós pelos laços dum ardente afeto que despreze, não por insensibilidade louca, mas por amor intenso e forte para convosco, os cavaletes, os garfos de ferro e os demais tormentos deste género dos quais os homens, em toda a parte, suplicam

³³ *Slm* 94, 22.

que os liberteis? Haverá alguma alma dessas que despreze tais torturas, a ponto de rir dos que tão acerbamente temem esses suplícios, como meus pais caçoavam das penalidades que a nós, meninos, infligiam os mestres? Eu não temia menos os castigos do que as torturas, nem Vos suplicava menos que nos livrásseis deles.

Contudo, pecava por negligência, escrevendo, lendo e aprendendo as lições com menos cuidado do que de nós exigiam.

Senhor, não era a memória ou a inteligência que me faltavam, pois me dotastes com o suficiente para aquela idade. Mas gostava de jogar – e aqueles que me castigavam procediam de modo idêntico! As ninharias dos homens, porém, chamam-se negócios; e as dos meninos, sendo do mesmo jaez, são punidas pelos grandes, sem que ninguém se compadeça da criança, nem do homem, nem de ambos. Um juiz reto aprovaria os castigos que me davam por eu, em pequeno, jogar a bola e o jogo ser um obstáculo ao meu aproveitamento nos estudos, com os quais eu havia de jogar menos inocentemente quando chegasse a homem? Agia, porventura, de modo diferente aquele que me batia, se nalguma questiúncula era vencido pelo seu competidor? Então esse era mais atormentado pela ira e inveja do que eu, quando superado no desafio da bola pelo meu rival...

10. *O orgulho da vitória*

Contudo, eu pecava contra Vós, Senhor Deus, ordenador e criador de todas as coisas da natureza, e dos pecados somente o regularizador³⁴. Eu pecava, Senhor, desobedecendo às ordens de meus pais e mestres, pois podia no futuro fazer bom uso desses conhecimentos que me obrigavam a adquirir, qualquer que fosse a intenção com que mos impunham. Além disso, eu não desobedecia para fazer melhor escolha, mas só pelo amor do jogo.

Amava nos combates o orgulho da vitória. Gostava dessas histórias frívolas que tanto me delectavam os ouvidos e me excitavam com interesse sempre mais apaixonado. Essa curiosidade brilhava dia a dia mais intensa nos meus olhos, atraindo-me para espetáculos e jogos de gente crescida.

Por outro lado, aqueles que presidem aos jogos sobressaem tanto por esta dignidade que quase todos desejam que seus filhos lhes sucedam nesta honra. Apesar disso, regozijam-se em castigá-los se tais divertimentos os afastam do estudo que, segundo os seus desejos, lhes permitirá mais tarde organizar semelhantes espetáculos... Examinai, Senhor, estas fraquezas com um olhar de compaixão. Socorrei-nos, que já Vos invocamos, e socorrei também os que ainda Vos não invocam, a fim de que também eles Vos invoquem e sejam libertados.

³⁴ Santo Agostinho usa a expressão: «peccatorum autem, tantum ordinator».

11. *No limiar do batistério*

Ouvira eu falar, ainda criança, da vida eterna que nos é prometida, graças à humildade do vosso Filho, Deus e Senhor nosso, descido até à nossa soberba. Fui marcado pelo sinal da cruz e condimentado com sal divino logo que saí do seio da minha mãe, que punha em Vós todas as esperanças.

Vistes, Senhor, que, sendo ainda criança, sobrevivendo-me certo dia uma febre alta motivada numa opressão do estômago, bati às portas da morte. Sabeis, meu Deus, pois já então por mim vigiáveis, com que ardor e fé pedi à piedade de minha mãe e de nossa mãe comum – a vossa Igreja – o batismo de Cristo, Deus e Senhor meu. A minha mãe carnal, porque na sua fé e coração puro me gerava com maior solicitude para a vida eterna, perturbada, procurava com pressa iniciar-me e purificar-me nos sacramentos da salvação, confessando-Vos eu, Senhor Jesus, para obter a remissão dos meus pecados. Dentro em breve, porém, achei-me melhor e essa purificação foi diferida, como se fosse necessário continuar a corromper-me, para prolongar a vida. Na verdade, depois do banho do batismo, as recaídas na imundície do pecado seriam mais graves e perigosas.

Tinha eu já verdadeira fé, como minha mãe e todos os de casa, exceto meu pai³⁵, que não prevaleceu em mim contra os direitos da piedade ma-

³⁵ Patrício só no fim da vida recebeu o batismo. Morreu em 371.

terna de eu crer em Cristo, no qual ele ainda não acreditava. Minha mãe desejava ardentemente que eu Vos considerasse, a Vós, meu Deus, como pai, mais do que àquele que ainda não tinha fé. Nisso a ajudáveis a triunfar do marido, a quem servia melhor pelo facto de nisso obedecer às vossas ordens.

Rogo-Vos, meu Deus, que me mostreis – se Vos apraz – qual o desígnio por que me foi então diferido o batismo: se seria para meu bem soltar-se ou não as rédeas do pecado. Por que razão ainda agora de toda a parte chega aos meus ouvidos, a respeito de uns ou de outros: – «Deixai-o fazer o que quiser, pois ainda não está batizado». Mas da saúde do corpo ninguém diz: – «Deixai-o que se fira mais, porque ainda não está curado!».

Quanto me não era preferível ser logo curado, obtendo, pela minha diligência e dos meus, conservar intacta, sob a vossa proteção, a saúde da alma que me tínheis concedido! Sem dúvida, seria melhor. Minha mãe, no entanto, já previra quantas e quão grandes ondas de tentações pareciam ameaçar-me depois da infância e preferiu expor-me a elas como terra grosseira em que eu depois receberia forma, do que expor-me a esse perigo já como imagem.

12. *Relutância em estudar*

Neste período da infância, cujo perigo temiam menos para mim do que o da adolescência, não

gostava do estudo e tinha horror de ser a ele obrigado³⁶. Por meio desta coação faziam-me um bem – embora eu procedesse mal – pois não aprenderia se não fosse constrangido. Todavia, contra vontade ninguém procede bem, ainda que a ação em si mesma seja boa. Os que me obrigavam não agiam retamente. O bem que daí resultava vinha só de Vós, meu Deus. Nesses estudos a que me aplicavam não tinham outra finalidade senão saciar os insaciáveis desejos de opulenta miséria e de ignominiosa glória. Mas Vós, «para quem estão contados os nossos cabelos»³⁷, utilizáveis em meu proveito o erro dos que me coagiam. Com relação a mim, que não queria aprender, utilizáveis a minha falta para me dardes o castigo com que eu, tão pequenino e já tão grande pecador, merecia ser punido.

Era assim que Vós transformáveis em meu bem o mal que eles faziam e me dáveis justa retribuição pelos meus pecados. Com efeito, é vosso desígnio, e assim acontece, que toda a alma desregrada seja para si mesma o seu castigo.

13. *Gosto do latim*

Mas qual era a causa da aversão que tinha à língua grega que me ensinaram quando criança?

³⁶ Agostinho guardou infelizes recordações a respeito da escola. Esta, às vezes, era um simples alpendre campestre ou um inconfortável pardieiro.

³⁷ *Mt* 10, 30.

É o que ainda hoje me não sei explicar. Pelo contrário, gostava muito da língua latina, não da que ensinavam os primeiros mestres mas da que lecionavam os gramáticos.

Aquelas primeiras lições em que se aprende a ler, escrever e contar, eram-me tão pesadas e insuportáveis como as de grego. Donde me vinha este aborrecimento senão do pecado e vaidade da vida? Porque «eu era carne e espírito que passa e não volta»³⁸. Aquelas primeiras letras, a que devia e devo a possibilidade de não só ler qualquer escrito mas também de escrever o que me aprouver, eram sem dúvida mais úteis e mais certas do que aquelas em que, esquecido dos meus erros, era obrigado a gravar na memória as navegações errantes dum certo Eneias e a chorar Dido que se suicidara por amor³⁹. Entretanto, eu, misérrimo, suportava com olhos enxutos a minha morte no pecado, longe de Vós, ó meu Deus e minha Vida!

Nada mais digno de compaixão do que o infeliz que derrama lágrimas pela morte de Dido, originada no amor de Eneias, sem se compadecer de si mesmo nem chorar a própria morte por falta de amor para convosco, ó meu Deus, Luz da minha

³⁸ *Slm* 78, 39.

³⁹ Santo Agostinho refere-se nesta passagem ao episódio da *Eneida* de Virgílio, narrado no canto VI, alusivo à rainha Dido, apaixonada pelo navegante Eneias, a caminho da foz do Tibre, foragido de Troia. Segundo a lenda, este fundou Roma. Na realidade, foram seus fundadores uns pastores latinos dum grupo invasor italiota.

alma, pão da boca interior do meu espírito, poder fecundante da minha inteligência e seio do meu pensamento! Não Vos amava. Prevaricava longe de Vós e em toda a parte ressoavam aos meus ouvidos de luxurioso estas palavras: – «Bravo! Coragem!». A amizade deste mundo é adultério contra Vós. Proferem-se as palavras «Bravo! Coragem!» para que o homem não se envergonhe de ser pecador. Não chorava estas faltas, mas pranteava «a morte de Dido que se suicidara com uma espada»⁴⁰. Segui atrás dos ínfimos objetos da vossa criação, abandonando-Vos; como era terra, tendia para a terra.

Se me proibiam a leitura destes episódios, afligia-me por não ler aquilo que me impressionava até à dor. Ó loucura! Reputavam-se tais estudos como mais honrosos e úteis do que aqueles em que aprendi a ler e a escrever!

Agora, que o meu Deus clame em mim e que a vossa Verdade me diga: «Não é assim, não é assim: aquela primeira ciência é muito superior». Eis-me mais pronto para esquecer as navegações errantes de Eneias e outras narrações semelhantes do que para esquecer a leitura e a arte de escrever.

É verdade que nas escolas de gramática há cortinas pendentes das portas, mas servem mais de cobertura aos erros do que de honra aos seus segredos. Não gritem contra mim estes mestres

⁴⁰ «Venerat extinctam, ferroque extrema secutam» (*Eneida*, VI, 457).

– que eu já não temo – enquanto Vos patenteio, meu Deus, todos os desejos da minha alma e enquanto descanso na repreensão dos meus perversos caminhos para amar a retidão dos vossos! Não se levantem contra mim esses vendedores e compradores de gramáticas, pois se os interrogar e lhes propuser uma dificuldade acerca da veracidade do poeta ao narrar que Eneias veio a Cartago, os néscios responderão que não sabem, os instruídos negarão a autenticidade do facto. Mas se lhes perguntar com que letras se escreve o nome de Eneias, todos os que estudaram responder-me-ão acertadamente, segundo esse contrato com que os homens fixaram o valor do alfabeto.

Do mesmo modo, quem não vê o que há de responder todo aquele que ainda se não esqueceu inteiramente de si, se eu lhe perguntar que dano seria mais sensível à vida: esquecer a leitura e a escrita ou todas aquelas ficções poéticas? Pecava, sendo ainda criança, quando antepunha todos aqueles conhecimentos vãos a estes mais úteis; ou antes, quando odiava estes para estimar aqueles.

Repetir «um e um, dois; dois e dois, quatro», era para mim uma cantilena fastidiosa. E, pelo contrário, encantava-me o vão espetáculo dum cavalo feito de madeira e cheio de guerreiros, o incêndio de Troia e até a sombra de Creusa⁴¹.

⁴¹ Creusa era a esposa de Eneias, a quem apareceu, depois de morta, sob figura humana feita de sombra (cfr. *Eneida*, II, 772).

14. *Aversão à língua grega*

Porque aborrecia eu a literatura grega⁴², que também entoava tais ficções? Homero teceu habilmente essas fábulas e é dulcíssimo na sua frivolidade, ainda que para mim, menino, era amargo. Creio que aos jovens gregos sucederá, com Virgílio, o mesmo que a mim, com Homero, quando me obrigavam a estudá-lo⁴³. O trabalho de aprender inteiramente essa língua estrangeira como que aspergia com fel toda a suavidade das fábulas gregas.

Não conhecia nenhuma palavra daquela língua e para me fazerem aprender, ameaçavam-me com terríveis castigos e crueldades. É verdade que outrora, quando criancinha, também não sabia nenhuma palavra latina, e contudo instruí-me, sem temores nem castigos, só com prestar atenção, entre as carícias das amas, entre os gracejos dos que se riam e as alegrias dos que folgavam. Aprendi, sem a pressão correcional de instigadores, impelido só pelo meu coração desejoso de dar à luz os seus sentimentos, o que não seria possível

⁴² Santo Agostinho diz: *graeca grammatica. Litteratura* ou *Ars grammatica*, consistia, segundo Varrão, em ler, explicar e ajuizar dos poetas, oradores e historiadores.

⁴³ Santo Agostinho sabia de cor muitos versos de Virgílio, poeta da sua predileção. Ainda nos últimos anos da vida, recordava passagens extensas e expressões que citava em escritos teológicos. Desta simpatia pelo poeta manteve-se participante a Idade Média que nos legou textos virgilianos com notação musical, para serem cantados nas escolas.

sem aprender algumas palavras, não da boca dos mestres mas daqueles que falavam comigo e em cujos ouvidos eu depunha as minhas impressões.

Disto ressalta com evidência que, para aprender, é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador. Contudo, esta violência refreia, graças às vossas leis, os excessos da curiosidade – sim, graças às vossas leis, que, desde as férulas dos mestres até às torturas dos mártires, sabem dosear as suas tristezas salutares, para nos chamarem a Vós, do meio das doçuras perniciosas com que nos íamos afastando de Vós.

15. «Ouvi, Senhor...»

Ouvi, Senhor, a minha oração para que a alma me não desfaleça sob a vossa lei, nem esmoreça em confessar as misericórdias com que me arrancastes de perversos caminhos. Fazei que a vossa doçura supere todas as seduções que eu seguia. Que eu Vos ame arrebatadamente e abrace a vossa mão com toda a minha alma, para que me livreis de todas as tentações até ao fim.

Vós, Senhor, sois o meu Rei e o meu Deus. A Vós consagro tudo quanto de útil aprendi em criança. A Vós consagro tudo o que digo, escrevo, leio e conto porque, quando aprendia vaidades, Vós me disciplináveis, perdando-me depois os pecados de deleite nelas cometidos. É verdade que nessas frivolidades aprendi muitas coisas úteis. Mas poder-se-iam aprender em estudos sérios,

conscienciosos! Seria esta a via segura pela qual deveriam encaminhar as crianças.

16. *A mitologia impura*

Ai de ti, torrente dos hábitos humanos! Quem te resistirá? Até quando hás de correr, sem te secar? Até quando rolarás os filhos de Eva para o mar profundo e temeroso, somente atravessado pelos que se embarcam no lenho da cruz? Não li eu em ti que Júpiter troveja e comete adultério? Decerto, não podia fazer estas duas coisas simultaneamente, mas representou-se assim para que tivesse autoridade para imitar um verdadeiro adultério com o encanto desse trovão imaginário.

No entanto, quem, dentre esses mestres de *pénula*⁴⁴, ouve com paciência um homem nascido do mesmo pó a afirmar bem alto: «Imaginava Homero estas ficções e atribuía aos deuses os vícios humanos; eu preferia que trouxesse para nós as perfeições divinas»⁴⁵?

Mas dir-se-á com mais verdade que Homero fingia estas coisas para que, atribuindo aos homens viciosos a natureza divina, os vícios não fossem considerados como tais e todo aquele que os cometesse não parecesse imitar homens dissolutos, mas habitantes do céu.

Todavia, ó torrente infernal, em ti se precipitam os filhos dos homens, com o dinheiro dos

⁴⁴ *Pénula* era uma espécie de capa ou manto romano.

⁴⁵ Cícero, *Tusculanas*, I, 26.

honorários, para aprenderem estas coisas. Tem-se como acontecimento importante realizar tudo isto oficialmente no Foro, à vista das leis que concedem um salário aos agentes (mestres), além dos chamados honorários. Ferindo as penedias das margens com tuas vagas, ó torrente, clamas dizendo: «Aqui aprendem-se as palavras, aqui adquire-se a eloquência tão necessária para persuadir e expressar os pensamentos». Desconheceríamos, então, os vocábulos «chuva de ouro» (*imbrem aureum*) e «regaço» (*gremium*) e «logro» (*fucum*) e «templos do céu» (*templa caeli*) e outras palavras que naquele lugar estão escritas, se Terêncio não apresentasse um jovem escandaloso, imitando a Júpiter na libertinagem?

O mancebo observa uma pintura na parede onde se desenhara a maneira como Júpiter, um dia, enviara, segundo contam, para o *regaço* de Dânai, uma *chuva de ouro*, a fim de a *lograr*. Reparai como o jovem se excita à devassidão com este exemplo celeste:

«Mas que deus é este – pergunta – que abala o templo do céu com sumo estrondo?

Eu, um homenzinho, não havia de fazer o mesmo?

Pois fi-lo, e de bom grado»⁴⁶.

⁴⁶ «At quem deum, inquit, qui templa caeli summo sonitu concutit? Ego homuncio id non facerem? Ego illud vero feci ac libens» (Terêncio, *Eunuco*, At. 3, Cena 5).

De modo algum, de maneira nenhuma se aprendem melhor tais palavras por meio desta torpeza, mas por estas palavras se comete mais afoitamente a devassidão. Não incrimino as palavras, quais vasos escolhidos e preciosos, mas o vinho do erro que por eles nos davam a beber os mestres embriagados. E se não bebêssemos, batiam-nos, sem que pudéssemos apelar para juiz mais sóbrio⁴⁷. Apesar disso, ó meu Deus, em cuja presença está segura a minha lembrança, apesar disso, aprendia com gosto estas palavras e, miserável, comprazia-me nelas, sendo tido por esta razão como menino de boas esperanças.

17. *A declamação*

Consenti, ó meu Deus, que também conte alguma coisa do meu talento, dádiva vossa, e em que desatinos o gastava. Propunha-se-me uma tarefa de muita preocupação para o meu espírito por causa dos louvores e descrédito ou receio de ser açoitado: que dissesse as palavras de Juno, encolerizada e cheia de dor por não poder «afastar da Itália o rei dos troianos»⁴⁸. Bem sabia que Juno nunca proferira tal coisa, mas obrigavam-nos a seguir errantes as pegadas das ficções dos poetas e a repetir em prosa o que o poeta cantara em verso. Recebia maiores louvares o aluno que, segundo

⁴⁷ Agostinho é psicologicamente um amargurado contra os professores que o castigaram ferozmente na infância.

⁴⁸ *Eneida*, I, 38.

a dignidade da personagem figurada, exprimisse mais fortemente e com maior verosimilhança os sentimentos de ira e de dor, revestindo as frases com palavras muito apropriadas.

Que me aproveitou tudo aquilo? Que me aproveitou, ó Vida verdadeira e meu Deus, ter sido mais aclamado que os contemporâneos e discípulos, quando recitava? Não é tudo isso fumo e vento? Não havia outra coisa em que exercitar a língua e o talento?

Que os vossos louvores, Senhor, que os vossos louvores enunciados pela Escritura levantassem a palmeira do meu coração e não seria arrebatado por quimeras vãs, qual presa imunda das aves. Com efeito, há várias maneiras de «sacrificar» aos anjos pecadores.

18. *Desprezo das leis eternas*

Que admira, pois, que fosse arrastado pelas vaidades e me afastasse de Vós, ó meu Deus, se me propunham como exemplo homens a quem uma crítica cobria de vergonha por um barbarismo ou solecismo cometido ao narrarem ações virtuosas e que se gloriavam de serem louvados quando contavam, com termos castiços e bem dispostos, copiosa e elegantemente, as suas torpezas?

Vedes tudo isto, ó Senhor, e calais-Vos, «paciente, cheio de compaixão e de verdade»⁴⁹. Porven-

⁴⁹ *Slm* 103, 8; 86, 15.

tura ficareis sempre calado? Agora arrancais deste abismo imenso a alma ansiosa de Vós, sequiosa das vossas delícias e cujo coração Vos diz: «Busquei o vosso rosto e torná-lo-ei a buscar, Senhor»⁵⁰.

Andava longe da vossa face, retido por afeições tenebrosas. Todavia, não nos apartamos ou aproximamos de Vós com os pés ou com as distâncias de lugares. Aquele vosso filho mais novo – o da parábola – procurou cavalos, ou carros, ou navios, ou voou com penas visíveis, ou viajou a pé, para viver e dissipar prodigamente, em região afastada, o que Vós lhe entregáreis ao partir? Fostes Pai bondoso porque lhe destes a fortuna e fostes mais carinhoso ainda para com ele, ao voltar necessitado. Viveu entre paixões luxuriosas, isto é, tenebrosas, que é o que quer dizer longe do vosso rosto.

Vede, ó Senhor Deus, e reparaí benigno, segundo é vosso costume, como os filhos dos homens observam diligentemente as regras da ortografia e das sílabas, recebidas dos primeiros mestres, e desprezam as leis eternas da salvação eterna, de Vós recebidas. Se alguém, ao aprender ou ensinar as regras tradicionais dos sons, pronunciar sem aspiração da primeira sílaba a palavra «homo» (homem), desagrada mais aos homens do que se odiar, contra os vossos mandamentos, outro homem, apesar deste ser o «homem». Como

⁵⁰ *Slm* 26, 8.

se, na realidade, se persuadisse haver um inimigo mais molesto que o próprio ódio com que se irrita contra si mesmo; ou como se alguém prejudicasse mais gravemente a outrem, com perseguições, do que ao próprio coração, com essa inimizade! Com certeza a ciência gramatical não é mais interior do que a lei da consciência – de não fazer a outrem o que não sofremos que nos façam a nós mesmos.

Quão misterioso sois, Vós que habitais em silêncio no Céu, Deus grande e único, espalhando, com lei infatigável, cegueiras vingadoras sobre as paixões desordenadas! Vede esse homem, procurando a glória da eloquência diante dum homem, o juiz, e na presença de grande número de homens, atacar o inimigo com ódio violentíssimo. Como evita com toda a vigilância dizer algum erro de linguagem, como não aspirar o *h* de «inter homines» (entre os homens), pronunciando «inter omnes»⁵¹! Mas não tem cuidado de vigiar o furor da sua alma que o arrasta a tirar um homem de entre os homens!

19. Perversidade na puerícia

Jazia eu, pobre criança, à beira deste abismo de corrupção. A luta desta arena era aquela onde eu mais temia cometer um barbarismo de expressão do que acautelar-me, se o cometesse, da inveja que sentia contra aqueles que o evitavam.

⁵¹ Modernamente em latim não se aspira o *h*.

Digo e confesso, diante de Vós, meu Deus, estas fraquezas que me angariavam aplausos daqueles cuja simpatia equivalia para mim a viver cheio de honra. Não via a voragem de luxúria para a qual era atirado, longe da vossa vista.

Que coisa houve mais corrupta aos vossos olhos do que eu? Até desagradava a esses homens, ao enganar com inumeráveis mentiras o pedagogo, mestres e pais, por amor do jogo, gosto de espetáculos frívolos e ardor inquieto de os imitar!

Cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais, ou impellido pela gula ou para ter que dar aos rapazes, retribuindo-me estes com o jogo, com o qual igualmente se deleitavam à minha custa, porque mo vendiam. Vencido pelo louco desejo de superioridade, obtinha também muitas vezes nesse jogo as vitórias com fraude. No entanto, se surpreendia alguém, não o queria tolerar e até atrozmente o reprendia, quando era isto mesmo o que eu fazia aos outros! Caso fosse eu o surpreendido e o acusado, preferia antes ser cruel do que ceder⁵².

Será esta a inocência das crianças? Não é, Senhor, não é, permiti que Vo-lo diga, meu Deus. É isto mesmo que, com o andar dos anos, passa dos pedagogos, dos mestres, das «nozes»⁵³, das «bolas» e dos «passarinhos», para os magistrados,

⁵² Jogo de palavras: *saevire* (ser cruel) e *cedere* (ceder).

⁵³ O jogo das «nozes» consistia em adivinhar em qual das três nozes estava escondida uma bola de pezo, que hábil jogador, com movimentos rápidos e de prestidigitador, aí colocara.

para os reis, para o oiro, para os prédios, para os escravos, assim como ao castigo da palmatória sucedem piores suplícios. Por conseguinte, apenas louvastes, ó nosso Rei, na estatura das crianças o símbolo da humildade, quando dissestes: «Delas é o reino dos Céus»⁵⁴.

20. *Magnificat*

Contudo, Senhor, graças Vos sejam dadas, a Vós, Criador e Ordenador do universo, tão excelso e tão bom, ainda que tivésseis querido que eu não vivesse além da infância. Já então eu possuía o ser, a vida, o sentimento e tinha cuidado da minha incolumidade, reflexo da misteriosa unidade, fonte do meu ser. Vigiaava, por um secreto instinto, pela integridade dos meus sentidos, e até nos meus frágeis pensamentos acerca de pequenas coisas me deleitava em encontrar a verdade. Não queria ser enganado. Gozava de memória vigorosa e dotes de elocução. Era sensível à amizade, fugia à dor, à abjecção, à ignorância. Não é isto admirável e digno de louvor em tal criatura?

Tudo eram dons do meu Deus. Não fui eu quem mos deu a mim mesmo. São bens e todos eles constituem em mim o «eu». Portanto, é bom Aquele que me criou. Ele mesmo é o meu bem e eu louvo-O com alegria por todos os bens que eu tinha até mesmo na infância.

⁵⁴ Mt 19, 14.

Eu pecava, porque em vez de procurar em Deus os prazeres, as grandezas e as verdades, procurava-os nas suas criaturas: em mim e nos outros. Por isso, precipitava-me na dor, na confusão e no erro.

Graças Vos sejam dadas, minha doçura, minha glória, minha confiança e meu Deus! Graças Vos sejam dadas pelos dons que me concedestes. Conservai-mos. Assim me haveis de conservar. Também aumentareis e aperfeiçoareis os vossos dons e eu estarei convosco, pois se existo, Vós me destes a existência.